

# Argumentação e Linguagem

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Argumentação e Linguagem

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |  |
|---|--|
| A694  | Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-530-3<br>DOI 10.22533/at.ed.303191408<br><br>1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística.<br>I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.<br><br>CDD 469.8 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |  |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>   |
| A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR                                      |            |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro<br>Paulo Rennes Marçal Ribeiro  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914081   |            |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>13</b>  |
| A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA                     |            |
| Tayson Ribeiro Teles  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914082   |            |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>24</b>  |
| A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO |            |
| Gabriela Lages Veloso<br>Letícia Rodrigues da Silva   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914083   |            |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>35</b>  |
| ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO        |            |
| Márcia Adriana Dias Kraemer<br>Alba Maria Perfeito  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914084   |            |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>55</b>  |
| COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA  |            |
| Cícera Tayana Francelino Fernandes  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914085   |            |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>66</b>  |
| A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUACIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?   |            |
| Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira<br>Sílvia Adélia Henrique Guimarães  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914086   |            |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>85</b>  |
| DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS   |            |
| Maria Auxiliadora Bezerra   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914087   |            |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>103</b> |
| IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS           |            |
| Claudia de Fátima Oliveira<br>Camila de Araújo Beraldo Ludovice   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914088   |            |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....  | <b>114</b> |
| FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO  |            |
| Daniel Padilha Pacheco da Costa  |            |
| DOI 10.22533/at.ed.3031914089  |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....   | <b>133</b> |
| PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA                                  |            |
| Cristina Corral Esteve   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140810   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....   | <b>146</b> |
| VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”. |            |
| Shayra Brunna Silva Marques  |            |
| Ana Claudia Menezes Araujo   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140811   |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....   | <b>157</b> |
| PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA  |            |
| Débora Racy Soares   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140812   |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....   | <b>164</b> |
| MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA                              |            |
| Luana de França Perondi Khatchadourian   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140813   |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....   | <b>175</b> |
| MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS  |            |
| Patrícia Helena da Silva Costa   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140814   |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>189</b> |
| ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA   |            |
| Márcio Moreira Costa   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140815   |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>199</b> |
| MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO   |            |
| Maria de Lourdes Rossi Remenche  |            |
| Ana Paula Pinheiro da Silveira   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.30319140816   |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....  | <b>211</b> |
| O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO                                 |            |
| Alice Santos Pimentel Nunes   |            |
| Terezinha de Jesus Dias Pacheco   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140817</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....  | <b>223</b> |
| NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS                                   |            |
| Dóris Cristina Gedrat   |            |
| André Guirland Vieira   |            |
| Gehysa Guimarães Alves  |            |
| Cláudio Schubert  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140818</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....  | <b>235</b> |
| BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO |            |
| Roselaine Vieira Sônego   |            |
| Allan Henrique Gomes  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140819</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....  | <b>248</b> |
| MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE   |            |
| Francisco Heitor Pimenta Patrício   |            |
| Cícero Hérciclis Ângelo Pereira   |            |
| Josilene Marcelino Ferreira   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140820</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 21</b> .....  | <b>260</b> |
| ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR  |            |
| Débora Racy Soares  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140821</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 22</b> .....  | <b>267</b> |
| MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA                  |            |
| Rosa Maria Silva Braga  |            |
| Lucia Torres de Oliveira  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.30319140822</b>   |            |
| <b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....   | <b>277</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....   | <b>278</b> |

## VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”

### **Shayra Brunna Silva Marques**

Graduanda em Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA / Campus Santa Inês. E-mail: shayramarques@gmail.com

### **Ana Claudia Menezes Araujo**

Professora orientadora do Departamento de Letras e Pedagogia da UEMA / Campus Santa Inês, mestre em Letras - Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI / E-mail: claudia-ama@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho trata-se de uma pesquisa sociolinguística sobre os fenômenos de redução dos ditongos decrescentes “ou” em “o” e “ei” em “e” presentes na linguagem dos moradores do povoado Onça, localizado no município de Santa Inês, Estado do Maranhão. Apresenta-se como principal objetivo identificar a presença destes fenômenos fonéticos no *corpus* coletado em campo e, dessa forma, evidenciar essa variação regional e social, para que fique perceptível que fatores como cultura e classe social estão ligados a essas alterações na fala. Assim, estudar a estrutura linguística e a estrutura social para destacar e mostrar a relevância da variação linguística existente entre elas. Segundo Marcos Bagno (2007), é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que

essa língua é falada. Nessa pesquisa teremos como aparato teórico Bagno (2007), Tarallo (1997), Cristóvão Silva (2009), Mollica (2003) e Câmara Junior (1978), que deram consistência a esse trabalho por meio de seus estudos desenvolvidos na área de Sociolinguística e/ou Fonética da Língua Portuguesa. Para a realização da pesquisa, usando um questionário fonético-fonológico, entrevistamos habitantes do povoado Onça, em que estes possuem Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio incompleto e Ensino Médio completo, de ambos os sexos, enquadrados na faixa etária de 18 a 30 e 60 a 65 anos e totalizando 18 entrevistados, nascidos e domiciliados no respectivo povoado, distribuídos em quantidades iguais em cada faixa etária. A pesquisa leva-nos a concluir que a variação linguística do povoado onça é de vital importância nesta região, pois é através dessa variação que ocorre a comunicação entre seus indivíduos. Vemos assim a importância da variação sociolinguística; ciência que tem como uma de suas finalidades como seu próprio nome indica estudar a variação linguística regional e sua importância para a boa comunicação entre seus pares desfazendo assim preconceitos de qualquer outra variação linguística que se ache superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Variação Linguística. Redução da linguagem

**ABSTRACT:** This work is about a sociolinguistic research on the phenomena of reduction of the decreasing diphthongs “or” in “o” and “ei” in “e” present in the language of the residents of the Onça village, located in the municipality of Santa Inês, in the state of Maranhão. The same has a principal objective is to identify the presence of these phonetic phenomena. In this research we will have as theoretical apparatus Bagno (2007), Fernando Tarallo (1997), Thais Cristófaró Silva (2009) Cecília Maria Mollica (2003), Câmara Junior (1978) and Marcuschi (2007), that gave consistency to this work through studies developed in the area of Sociolinguist and Phonetics. For the realization of this reaserch, we use the interview adults of the Onça village, of incomplete primary and secondary education of both sexes, framed in the age group: 18 to 30 and 60 to 65 years old totaling 18 respondents, born and domiciled in their village, distributed in equal amounts in each age group. By observing corpora collected through questionnaire phonetic-phonological, identified that speaking of respondentes occur phenomena above mentioned, characterizing the diversity of portuguese spoke in Maranhão.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. Linguistic Variation. Reduction of language.

## 1 | INTRODUÇÃO

Tendo observado os fenômenos de variações linguísticas “ou” e “ei” do povoado onça pertencente ao município de Santa Inês, verificou-se que tais inconstâncias possuem uma estrutura linguística e que as mesmas não podem ser explicadas por regras estruturais do português padrão. A aptidão para ditongos decrescentes está inteiramente ligada a fatores internos e externos. Essa variabilidade linguística é um dos impressionantes e impactantes aspectos da nossa língua portuguesa e pode ser entendido melhor por meio de estudos históricos e regionais sobre a fala.

Em nosso país, por exemplo, com o mesmo idioma oficial, a língua sofre modificações feitas por seus falantes e isso ocorre porque vivemos na mesma sociedade que por sua vez é complexa e estão inseridos grupos sociais com etnias, classes, conceitos, valores, religião entre outros diferentes. Parte desses grupos tiveram acesso à educação formal, porém outros não tiveram muito contato com o português padrão ou até mesmo acesso à educação. Algumas dessas variações linguísticas não mostram a mesma receptividade ao ser ouvida por regiões diferentes da mesma língua oficial e isso resulta em um fato chamado de preconceito linguístico.

O presente artigo tem como principal objetivo identificar as reduções de ditongos e suas variações linguísticas do povoado Onça, o qual foi explorado seus aspectos fonéticos dos corpora coletados. Tivemos como base teórica autores como Carlos Bagno (2007) e Thaís Cristófaró (2002) que fazem estudos linguísticos, fonológicos, éticos e sociais sobre este tema. Através dos estudos e pesquisas feitos neste trabalho sabe-se que é preciso levar em consideração o fator histórico da fala de cada região. O objetivo desta pesquisa é mostrar claramente ao leitor essa variação regional, social e histórica para que notem que fatores como: cultura, classe social e outros estão

ligados a essas modificações na construção da fala.

Pretende-se também mostrar a importância das variações linguísticas que ocorrem em cada região dentro da realidade de onde vivem. A língua é dinâmica, sofre modificações com o passar dos anos e através de fatores advindos de cada época e grupo social.

## 2 | A SOCIOLINGÜÍSTICA E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Não dá para estudar a sociedade sem levar em consideração as relações que os indivíduos estabelecem entre si por meio da linguagem. A Sociolinguística estuda as conexões entre linguagem e sociedade e o modo como usamos a linguagem em diferentes situações sociais. Ela geralmente reflete a realidade do discurso humano e mostra como um dialeto pode descrever a idade, o sexo, e a classe social do falante, sendo uma codificação da função social da linguagem.

Desse modo, a Sociolinguística abrange desde o estudo comparativo entre a variedade de dialetos através de uma região até análise entre os modos de falar de homens e mulheres, jovens, ricos e pobres, letrados e iletrados. Segundo Marcos Bagno (2007), para o sociolinguista é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada.

Para Cecília Maria Mollica (2003, p. 11):

Cabe a Sociolinguística, área interdisciplinar da linguística, “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que tem efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Dessa forma, a Sociolinguística parte do princípio de que estudar a estrutura linguística e a estrutura social para comparar e mostrar a relevância da variação linguística existente entre elas, vai além das relações singelas entre a língua e o social. Proporcionando dessa forma a valorização da diversidade, desconstruindo o preconceito linguístico. Frequentemente, nas comunidades de fala, haverá formas linguísticas em variação, para o sociolinguista Tarallo (1997, p. 8):

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Partindo do princípio de que variação linguística é a capacidade que a língua tem de se transformar e se adaptar de acordo com alguns componentes. De acordo com Bagno (2007), os sociolinguistas enfatizam sempre que não existe falante de estilo único, e que todo indivíduo varia a sua maneira de falar. Variações essas que são, histórica, maneira como a língua evolui de acordo com o tempo, sociocultural, relacionado aos grupos sociais, geográfica, que representa fatos sociais de uma determinada região e é interiorizada por todos os falantes e sua aprendizagem ocorre basicamente no

ambiente familiar como marca de identidade do grupo social e estilística que tem a ver com a situação de uso da língua.

Ainda falando a respeito de variação linguística, Marcos Bagno (2007), em seu livro “Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística”, vem dizendo que essa variação pode ser verificada em todos os níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-pragmático. E ainda acrescenta dizendo que apesar disso, muita coisa da língua não apresenta variação.

## 2.1 Fatores Extralinguísticos Condicionantes da Variação Linguística

Os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que podem ajudar no reconhecimento dos fenômenos de variação linguística. Temos como fatores extralinguísticos condicionadores da variação linguística, origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais. Marcos Bagno (2007) conceitua todos esses fatores:

Origem geográfica: a língua varia de um lugar para outro;

Status socioeconômico: a língua varia de acordo com o nível de renda;

Grau de escolarização: a língua varia de acordo com o acesso maior ou menor à educação formal;

Idade: a língua varia de acordo com a faixa etária;

Sexo: homens e mulheres fazem uso diferente dos recursos que a língua oferece;

Mercado de trabalho: a língua varia de acordo com a profissão;

Redes sociais: é quando uma pessoa adota comportamentos iguais aos das pessoas com quem convivem em suas redes sociais.

Através da seleção dos fatores sociais e linguísticos importantes para o estudo é que segundo o sociolinguista Marcos Bagno (2007), a pesquisa sociolinguística permite que os estudiosos descubram a realidade da língua no Brasil.

## 3 | REDUÇÃO DOS DITONGOS

Na gramática tradicional, os ditongos são estudados no campo da fonologia e são definidos pelo encontro vocálico de duas vogais na mesma sílaba. Quando esse encontro é de uma vogal e de uma semivogal, o ditongo é classificado por decrescente, mas se for o contrário, semivogal e vogal, a classificação será crescente.

Segundo Bagno (2007, p. 147), embora a convenção ortográfica direcione a pronúncias forçadas e artificiais que não correspondem à realidade falada dos brasileiros, o fenômeno da monotongação tem interferido no processo de alfabetização, uma vez que a tendência do principiante é escrever a vogal simples e não o ditongo.

A redução, de acordo com Câmara Junior (1978, p. 170), é uma alteração apenas fonética, ou seja, ela só ocorre na oralidade. Este fenômeno existe desde a passagem do latim clássico ao latim vulgar. Embora não haja preconceito para a redução de

ditongos decrescentes, é importante ressaltar que mesmo não pronunciando as duas vogais, na escrita ainda existe o ditongo e, portanto, escrever como se fala é considerado errado e repellido de acordo com a norma padrão. Marcos Bagno (2007, p. 48) comenta sobre isso em seu livro *Preconceito Linguístico*:

Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala *muleque, bêjo, minino, bisôro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!

Ainda de acordo com Bagno (2007, p. 214), a não redução do ditongo só acontece quando a fala é monitorada ou quando a pessoa está lendo um texto em voz alta e se deixa levar pela grafia. Portanto, desde os iletrados até os letrados, de norte a sul do Brasil, fazem o uso deste fenômeno de redução dos ditongos.

## VARIAÇÃO FONÉTICA DO PORTUGUÊS

Muitos acreditam que no Brasil fala-se somente uma língua, sabemos que esta afirmação não é verdadeira, pois a Língua Portuguesa apresenta grande variação de região para região, de estado para estado, sem esquecer os fatores extralinguísticos, tal como afirma Bagno (2008, p. 27), ao lembrar-nos de que o Brasil é um lugar onde:

(...) são faladas mais de dezenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falarem diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravista.

Com isso, fica claro que mesmo possuindo variação, uma língua continua desempenhando seu papel em uma determinada sociedade, o que não a tornará melhor ou pior que outras. Quando se trata do ser humano, a homogeneidade é quase inalcançável. Segundo Marcuschi (2007, p. 43):

(...) toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguística imanente. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social [...]

A Língua Portuguesa no Brasil apresenta diferentes estilos, a diferença percebível é a de caráter fonético, ou seja, na maneira de falar. Isso acontece porque usamos na linguagem oral as palavras sem nos preocuparmos com o formalismo.

## 4 | METODOLOGIA

A Teoria da Variação ou da Sociolinguística Quantitativa surgiu em 1960, baseada na proposta de Weinreich, Labov e Herzog. Com o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando sempre em consideração o seu uso variável e, por conseguinte, seu aspecto heterogêneo. Nesse caso, a variação

linguística pressupõe a existência da diversidade nos modos de falar. Portanto ela pode ser sincrônica, pois ambas as formas têm que coexistirem e diacrônica quando analisada ao longo do tempo.

A variação é inerente a língua e não aleatória, mas ordenada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Segundo Maria Mauro Cesário e Sebastião Votre (2008), a abordagem Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver a regularidade e sistematicidade mesmo por trás do aparente caos da comunicação do dia-a-dia. Percebemos, então que essa teoria possui uma metodologia própria, capaz de fornecer ao pesquisador ferramentas para definir e analisar o fenômeno variável que se deseja estudar.

Amplamente, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de três pontos básicos: os de natureza diatópica (local, região), os de natureza diastrática (classe social, idade, contexto social) e os de natureza estilística (maior e menor grau de formalidade de um enunciado), todos vão condicionar o uso variável de fenômenos linguísticos, além dos fatores internos ao sistema da língua.

Seguindo essa teoria, a presente pesquisa, é de natureza diatópica, abordando ainda além do local, o grau de formação, faixa etária idade e sexo, a qual envolveu uma abordagem quantitativa, pautada no uso do método etnográfico e considerado as ocorrências dos fenômenos em estudo na fala dos entrevistados do povoado Onça.

A pesquisa dividiu-se em três partes, na qual a primeira, deu-se pelo estudo teórico dos fenômenos em pauta, a qual serviu de fundamentação teórica da pesquisa. A segunda parte coube a elaboração e aplicação de questionário para a realização de entrevistas, entrevistados estes de ambos os sexos, de escolaridade sem nenhum grau ao de ensino fundamental completo, com o propósito de observar o fenômeno fonético em estudo para a análise, ou seja, a ocorrência dos fenômenos de redução dos ditongos ou em /o/ e ei em /e/ na fala dos informantes. A terceira parte e última, deu-se pela análise dos dados coletados para a verificação do fenômeno em questão, tudo em conforme com os estudos Sociolinguístico Variacionista.

Para o nosso campo de pesquisa, utilizamos o povoado Onça, localizado no município de Santa Inês, no estado do Maranhão. No total de informantes foram 18, com faixa etária de 18 a 65 anos, distribuídos de acordo com o grau de escolaridade, sendo que os mesmos ainda assinaram um termo de compromisso dando permissão para fazermos as perguntas do questionário fonológico, no qual cada um respondeu oito perguntas, quatro do fenômeno de redução do ditongo OU em O e outras quatro do fenômeno de redução do ditongo EI em E, todos os entrevistados nascidos e residentes no povoado Onça, nas faixas etárias determinadas pelo projeto AliB – 18 a 30 e 60 a 65.

As informações foram adquiridas a partir de um questionário fonético-fonológico, o qual segue o modelo usado pelo Atlas Linguístico do Brasil, e os próprios foram feitos segundo as ocorrências da monotongação dos ditongos ow em /o/ e ey em /e/.

## 5 | ANÁLISE DOS FENOMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E DE “EI” EM “E”.

Retornando o que já tínhamos falado antes, o objetivo deste trabalho é identificar a ocorrência do fenômeno de monotongação dos ditongos variáveis decrescentes ou em “o” e ei em “e” no dialeto dos moradores do povoado Onça. As palavras que utilizamos para identificar a ocorrência do fenômeno em estudo são: de redução do ditongo ou em o – doutor, touro, pouco e outubro; de redução do ditongo ei em e – feijão, beijo, peixe e dinheiro.

De acordo com a teoria da variação, sabemos que a escolha entre variantes não se dá aleatoriamente, mas, sim, relacionada a variáveis linguísticas e extralinguísticas. Neste artigo, analisamos duas variáveis de caráter linguístico, ou seja, o contexto fonológico e a estrutura interna da palavra, as quais ficarão mais claras no estudo das apreciações.

Agora, daremos ênfase a análise, que tem como principal objetivo identificar a ocorrência do fenômeno de monotongação dos ditongos “ou” em “o” e “ei” em “e”, no dialeto dos moradores do povoado onça, município de Santa Inês, no estado do Maranhão. Das quatro variáveis sociais previamente estabelecidas para a presente análise (sexo, idade, escolaridade e renda) demos ênfase as três primeiras variáveis do informante para aplicação da regra de monotongação dos ditongos “ou” e “ei”. O nível escolar foi escolhido por ser de suma importância para a aplicação da regra de monotongação de ambos os ditongos. Diante das pesquisas efetuadas com os moradores do povoado Onça, observou-se que quanto menos escolarizado o informante, mais alto é o índice de aplicação da regra. Portanto, entende-se que: é necessário compreender que não existe uma distribuição antagônica entre uso do ditongo conservado x falantes escolarizados e uso do monotongo x falantes não escolarizados. Diante dos fatos, os entrevistados, independentemente de seu grau de instrução, usam as formas reduzidas, mas esse uso diminui à medida que aumenta o nível de escolarização.

De acordo com o nível de escolaridade, os informantes foram separados em três grupos. No primeiro grupo foram considerados os não escolarizados, quer aqueles sem escolaridade nenhuma, quer aqueles que, mesmo tendo passado um ou dois anos pela escola, não chegaram a dominar as técnicas de leitura e escrita; no segundo grupo foram inseridos os informantes do ensino fundamental incompleto; e no terceiro grupo, consideramos aqueles com ensino fundamental completo.

No quesito sexo, trabalhamos dois grupos, masculino e feminino, nas faixas etárias: de 18 aos 30 anos (grupo 1) e 60 aos 65 anos (grupo2), dos quais foram entrevistados do primeiro grupo nove pessoas de ambos os sexos e mediante o enredo das entrevistas notou-se que todos os entrevistados realizaram o fenômeno de monotongação dos ditongos “ou” em “o” e “ei” em “e”. No segundo grupo não foi diferente, apesar de o mesmo já encontrar-se uma faixa etária avançada, detectou-se

as mesmas dificuldades linguísticas na oralidade.

### 5.1 Redução do ditongo “ow” em “o”.

A análise do corpus demonstra que os 18 entrevistados de ambos os grupos e sexos, correspondentes a 100% dos informantes pesquisados, diagnosticou-se que ao pronunciarem as palavras “doutor”, “touro”, “pouco” e “outubro”, realizaram o fenômeno de monotongação como veremos nos exemplos a seguir:

Doutor [d’otor]

Touro [t’oru]

Pouco [p’oku]

Outubro [o’tubru]

A ocorrência deste fenômeno no povoado Onça, se igualiza as variedades linguísticas espalhadas pelo o Brasil a fora. Podemos observar exemplos de variações linguísticas dentro dos estados do nosso país. Cada região tem sua peculiaridade linguística e variações, o que não é diferente do que acontece no povoado Onça. Infelizmente a maior parte da população brasileira sofre, ou já sofreu preconceito linguístico ou até mesmo já o praticou consciente e inconscientemente, o que gera por muitas vezes situações conflitantes e até mesmo em último grau, um maior índice de analfabetismo. Dentro desse contexto o ditongo “ow” em “o”, faz com que o modo de falar fique mais fácil e a pronúncia saia mais leve. Isso acontece dentro da escola literária da vida diária dessas pessoas, onde podemos citar o contexto familiar, como por exemplo: a fala do pai, da mãe, e do grupo social que o indivíduo está inserido, assim o indivíduo irá criar o seu conjunto linguístico de vocábulos.

O ditongo “ou” é mais passível de redução, Nessa perspectiva, Bagno (2007, p.61) diz que “se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer manifestação linguística cumpre essa função plenamente”.

A variável sexo não foi considerada relevante para a redução do ditongo /ow/, donde inferimos que as relações sociais de gênero na comunidade alvo da presente pesquisa não se manifestam na aplicação dessa regra linguística: mulheres e homens monotongam o ditongo de forma praticamente equivalente.

Percebemos também que o grau de escolaridade, não teve muita influência nas respostas sobre a ocorrência do fenômeno em estudo. Já que em todas as respostas encontramos a presença da redução do ditongo ou em o. O que demonstra que no dialeto das 18 pessoas entrevistadas, na sua oralidade, não existe mais o ditongo ou, mas, sim a vogal o.

Conforme dito anteriormente, o ditongo [ou] se diferencia dos outros tipos, uma vez que, em todos os casos, eles são passíveis de redução.

### 5.2 5.2 Redução do ditongo “ei” em “e”

Seguindo a análise dos ditongos, daremos continuidade com a redução do ditongo “ei” em “e”. De acordo com as pesquisas feitas no povoado Onça, o corpus mostra de fato que a realização do fenômeno “ei” em “e” não foi muito diferente do primeiro grupo analisado, ou seja, redução do ditongo “ou” em “o”. Na presente análise foram trabalhadas as seguintes palavras com os entrevistados: peixe, feijão, dinheiro e beijo. No decorrer das análises, foram observados claramente a redução do ditongo “ei” em “e”, como por exemplo:

**Dinheiro [dʒɲ'eru]**

**Peixe [p'eʃi]**

**Feijão [f'eʒãu]**

**Beijo [b'eʒu]**

Diante da transcrição fonética acima, observamos que 100% dos indivíduos entrevistados e isto inclui os dois grupos de faixas etárias de 18 a 30 anos e 60 a 65 anos, também realizaram a redução do ditongo “ei” em “e” de forma natural. Percebe-se que essa redução decorre desde a fase de desenvolvimento da fala deste indivíduo até a fase adulta, e isto inclui a família e os grupos sociais que o mesmo está inserido. Dentro deste contexto fricativo palatal é um fator linguístico que influencia a regra variável de monotongação do “ei”.

Marcos Bagno (2007) afirma que essa redução desses ditongos está tão disseminada que já se configura como parte do vernáculo mais geral dos brasileiros.

A citação de Marcos Bagno nos leva a compreender como a variação linguística em torno nosso país e fora dele é uma realidade vigente em todas as regiões. Tornou-se tão comum e quase que imperceptível essa redução de ditongo na fala dos brasileiros que muitas das vezes em uma conversa informal usam-se quase que cem por cento dessas reduções no enredo da conversa. Existe uma preocupação maior dentro do meio acadêmico e formal em calcular as palavras corretas para que assim não se acabe caindo dentro dessas reduções. Agora partindo do pressuposto da análise corpora das palavras trabalhadas com os grupos entrevistados percebemos que a fonética segue um padrão de melhor articulação, para que a palavra saia mais leve.

De acordo com Thaís Cristófaró Silva (2009), o articulador ativo é o lábio inferior e como o articulador passivo temos os dentes incisivos superiores. Essa citação faz com que possamos analisar as palavras “peixe e feijão” como labiodental, uma das palavras usadas para entrevistar os grupos citados. Já nas palavras “dinheiro” e “beijo” de acordo com a autora acima citada podemos dizer que são classificadas como alveolopalatal onde o articulador ativo é a parte anterior da língua e o articulador passivo é a parte medial do palato duro.

Constatou-se, que em se tratando do ditongo Ei observamos uma pequena diferença, no caso da redução do ditongo ou em o, o que é escrito o é pronunciado o em todas as situações e contextos. De acordo com Bagno (2007), o que se escreve Ei,

só se transforma em E, com o som fechado quando este (i) vim antes das consoantes J, X e R. Assim a assimilação fará com o que os sons se tornem um só. O que aconteceu com as palavras **Dinheiro** [dʒɪ'ɛru] **Peixe** [p'eʃi] , **Feijão** [f'eʒãu] e **Beijo** [b'eʒu], as quais em todas as pronúncias foi perceptível o apagamento da semivogal ( i).

Em se tratando ainda do ditongo EI, a assimilação aproveita o caráter palatal da semivogal I e das consoantes J e X para encaixá-las em um único som. Desse modo, o que acontece não é precisamente a redução do ditongo EI em E, mas a redução de -IJ- e IX- em -j- e -X-.

Com a palavra **Dinheiro** [dʒɪ'ɛru] em que acontece é que como o EI precede a consoante R, que é produzido na parte da boca em que se encontra o palato mole, por ficar entre os alvéolos e os dentes, na parte mais avançada do céu da boca e por terem este ponto de articulação comum é que os sons da semivogal I e da consoante R sofrem os efeitos da assimilação, fazendo com que os sons se tornem um só.

## CONCLUSÃO

A conclusão a que chegamos após a análise dos corpora, é que a língua sofre variação de um lugar para outro. E que os ditongos decrescentes variáveis ou e ei são suscetíveis ao apagamento das semivogais u e i. De acordo com Marcos Bagno (2007, p. 214) a não redução do ditongo só acontece quando a fala é monitorada ou quando está lendo um texto em voz alta e se deixa levar pela grafia. A distribuição da monotongação dos ditongos, evidencia a riqueza de diversidade do nosso vocabulário brasileiro.

A intenção primordial do nosso trabalho foi identificar o fenômeno de monotongação dos ditongos “OU” em “O” e “EI” em “E” na fala dos moradores da Onça, município de Santa Inês no Maranhão, bem como vimos, tal fenômeno se faz presente no dialeto dos entrevistados. E pela nossa observação, sobretudo na fala dos que possuem menos grau de instrução, uma das características latentes para que o fenômeno em estudo se concretize, obtivemos 100% de realização do fenômeno de monotongação dos ditongos OU em O e EI em E na pronúncia das palavras “doutor”, “touro”, “pouco”, “outubro”, “feijão”, “beijo”, “peixe” e “dinheiro” utilizadas para coleta de análise dos dados.

A partir desse estudo, foi possível ainda, verificar o quanto a língua se evolui, enquanto a escrita segue lentamente, o que não é ruim, posto que a mesma é de suma importância para que entendamos melhor os variados tipos textuais e documentos antigos fruto da história. O desenvolvimento da língua, no entanto, retrata muitas vezes a pressa de nosso cotidiano, que faz com que economizemos até nas letras nos falares sociais do dia-a-dia. Mas, a mesma como pudemos verificar, não é um fator prejudicial na comunicação entre falantes da nossa língua, nem no local onde fora feito o trabalho em pauta. Não encontramos ruídos no diálogo dos residentes do campo do

nosso estudo.

Finalizamos, assim, a pesquisa, sobre essa complexa teoria que é a variação sociolinguística, e as variedades do português brasileiro, os quais, fornece grandemente uma riqueza de informações da língua e das peculiaridades do dialeto social não somente no Maranhão mais em toda extensão dos falares no Brasil. Os mesmos prestam uma enorme ajuda a pesquisadores da área da linguagem, bem como a conhecerem o real quadro linguístico do nosso país, fornecendo ampla noção das variedades linguísticas, tentando dessa forma minimizar ou exterminar de vez o preconceito linguístico, que faz com que tantas pessoas sejam discriminadas pelo seu modo de falar.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação *linguística*. São Paulo: São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyla, 2007.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália** – novela sociolinguista. São Paulo: Contexto, 2012.

CÂMARA JR, J. Mattoso. Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007). *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística**: O tratamento da Variação. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguista**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

### C

Contemporâneo 42, 53

### D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

### E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

### G

Gênero 35, 205, 248

### L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

### M

Masculinidade 248

### O

Oralidade 85

### P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

## **R**

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

## **S**

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

## **T**

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-530-3



9 788572 475303